

PREVENÇÃO AOS USOS DE BEBIDAS ALCÓOLICAS PARA ADOLESCENTES NA EDUCAÇÃO SEXUAL: ANÁLISE DE MATERIAIS EDUCATIVOS

Marcela Pastana¹, Ana Cláudia Bortolozzi²

RESUMO

A sexualidade e os usos de bebidas alcóolicas são temas relevantes na atuação em educação sexual para adolescentes visando a transmissão de informações ligadas às experiências vividas, aos significados que circulam culturalmente sobre essas experiências, sobre os cuidados com a saúde e sobre práticas preventivas. Esta pesquisa qualitativa-descritiva, tipo documental, teve por objetivo analisar a abordagem sobre os usos de bebidas alcóolicas em materiais educativos voltados para o público jovem. Os 10 documentos analisados foram selecionados nas páginas eletrônicas do Ministério da Educação, da Saúde, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD, do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas- CEBRID e do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD, promovido pela Polícia Militar. A análise de conteúdo resultou nas categorias: (1) Álcool como substância psicoativa mais consumida e associada a consequências negativas; (2) Informações históricas e definições sobre o álcool; (3) Efeitos do Álcool e a questão da dependência; (4) Motivações e expectativas para os usos de álcool; (5) Influência do uso de consumo de bebidas alcóolicas nas experiências amorosas e sexuais; (6) Recomendações para o trabalho de prevenção aos usos de álcool e (7) Gênero e consumo de bebidas alcóolicas. Os materiais, em geral, consideram os fatores culturais, sociais, históricos, biológicos e subjetivos nas informações sobre o consumo de bebidas alcóolicas, entretanto, carecem de um aprofundamento para propostas educativas sobre a relação entre os usos de álcool, as interações sociais e os significados e experiências prazerosas.

Palavras-chave: Bebidas alcóolicas, Sexualidade, Educação Sexual.

PREVENTION OF THE USE OF ALCOHOLIC BEVERAGES FOR ADOLESCENTS IN SEXUAL EDUCATION: ANALYSIS OF EDUCATIONAL MATERIALS

ABSTRACT

Sexuality and the use of alcoholic beverages are relevant themes in sexual education activities for adolescents, with a view to transmitting information related to lived experiences, to the meanings that circulate culturally about these experiences, about health care and about preventive practices. This qualitative-descriptive documental research aimed to analyze the approach of the use of alcoholic beverages in educational materials directed to teenagers and young people. The 10 documents analyzed

¹ Doutora em Educação. Curso de Psicologia do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel (IMES). Grupo de Estudos e Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura - GEPESEC. São Manuel, São Paulo, Brasil.

² Livre-docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Grupo de Estudos e Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura - GEPESEC. Departamento de Psicologia. Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Bauru, São Paulo, Brasil. E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br.

were selected from the websites of the Ministry of Education, the Ministry of Health, the National Secretariat for Drug Policies - SENAD, the Brazilian Center for Information on Psychotropic Drugs - CEBRID and the Educational Program for Resistance to Drugs and Violence - PROERD, developed by the Military Police. The following categories are the results from the content analysis: (1) Alcohol as the most consumed psychoactive substance and associated with negative consequences; (2) Historical information and definitions about alcohol; (3) Effects of Alcohol and the issue of addiction; (4) Motivations and expectations for alcohol use; (5) Influence of alcohol use on love and sexual experiences; (6) Recommendations for the prevention of alcohol use and (7) Gender and consumption of alcoholic beverages. The materials, in general, consider cultural, social, historical and subjective factors in the information about the consumption of alcoholic beverages, however, they lack a deepening for educational purposes on the relationship between alcohol use, social interactions and pleasant meanings and experiences.

Key words: Alcoholic beverages, Sexuality, Sexual Education.

INTRODUÇÃO

A promoção de saúde no contexto escolar e em outros contextos educativos tem como importante aspecto favorável o modo como as relações de ensino e aprendizado são propícias para a transmissão de informações cientificamente fundamentadas, para o esclarecimento de dúvidas, para o incentivo à reflexão e para que diferentes perspectivas sejam compartilhadas e dialogadas (Bortolozzi *et al.*, 2020; Dalbosco, 2011; Meyer *et al.*, 2011; Meyer *et al.*, 2007). Neste artigo nos voltaremos para dois temas que podem estar presentes em grupos com o objetivo de promover a saúde integral e de estimular a adoção de práticas preventivas entre adolescentes e jovens: o tema dos usos de bebidas alcoólicas e o tema da sexualidade.

Tanto no que diz respeito às práticas sexuais quanto às práticas de consumo de álcool e outras substâncias, o desenvolvimento de grupos educativos tendem a levar em consideração como a adolescência em nossa cultura é compreendida como um período de experimentações, com a construção, especialmente pelos meios de comunicação, de uma imagem que associa a sexualidade e as bebidas alcoólicas a momentos de prazer, lazer e diversão (Demant, 2009; Heath, 2000; Measham; 2004; Meyer *et al.*, 2007; Pinsky, 2009; Vander Ven, 2011). Por isso, é relevante que informações sobre os aspectos envolvidos nessas experiências possam ser transmitidas em uma linguagem acessível, considerando os aspectos culturais, sociais e históricos do contexto vivido pelos(as) participantes que receberão essas informações.

Entre as informações a serem transmitidas, estão aquelas relacionadas aos riscos de possíveis consequências prejudiciais. No caso das práticas sexuais, o não uso do preservativo pode levar à contração de infecções sexualmente transmissíveis e, se outras medidas contraceptivas também não forem tomadas, à ocorrência de uma gestação não planejada. Além disso, é importante que adolescentes conheçam sobre seus direitos e sobre a necessidade de que as relações sexuais sejam consentidas, para que situações de violência sejam reconhecidas, evitadas e, caso aconteçam, haja o conhecimento sobre como buscar ajuda. Entre os riscos associados ao consumo de bebidas alcoólicas, principalmente o consumo em grandes quantidades, estão as alterações da consciência, da percepção, da atenção, da coordenação motora e da tomada de decisões, relacionadas ao aumento na ocorrência de situações como acidentes de trânsito, envolvimento em brigas e outros comportamentos agressivos. Também há consequências para a saúde à curto prazo como vomitar, sentir sonolência, perder o controle motor, desmaiar e/ou entrar em coma ou ao longo prazo como questões de saúde física (cirrose e outras doenças no fígado, por exemplo) e psicológica, como o risco de desenvolver um quadro de dependência (O'Malley; Valverde, 2004).

Tanto os riscos relacionados às experiências sexuais, quanto os riscos relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas são informações importantes a serem abordadas em grupos educativos com adolescentes. No entanto, é necessário reconhecer que a relevância do assunto não justifica que os riscos sejam o foco principal ou exclusivo quando acontece o diálogo sobre sexualidade e sobre álcool. Quando tais informações são trazidas com um teor alarmante em torno das possíveis consequências prejudiciais sem que sejam considerados aspectos mais amplos das experiências, o diálogo proposto se restringe, com uma cisão entre os aspectos destacados pelas advertências e a forma mais ampla e complexa com que as expectativas e experiências são vividas e significadas (Castiel; Diaz, 2007; Meyer *et al.*, 2007).

As motivações para quem passa pelas primeiras experiências de consumo de bebidas alcoólicas e pelas primeiras experiências sexuais (e não só as primeiras)

envolvem fatores que ultrapassam os aspectos enfatizados pelas abordagens focadas nos riscos como os efeitos no organismo e a tomada de decisão sobre o uso do preservativo. Para que as motivações possam ser reconhecidas, é necessário o olhar para a dimensão das relações, do conjunto de referências que é aprendido no decorrer nas trajetórias de socialização no contexto cultural em que as experiências acontecem. As concepções, valores e atitudes presentes nessas experiências envolvem uma complexidade de percepções, emoções, desejos e significados, de forma que nem os fatores biológicos, nem os subjetivos, nem os sociais e culturais podem ser pensados separadamente. As informações sobre a prevenção são fundamentais, mas é ilusório que as escolhas sejam pensadas apenas pela chave do acesso a informações, sem o cuidado com os modos que essas informações são contextualizadas e com a oportunidade de que possam ser dialogadas a partir da perspectiva das pessoas para quem elas se direcionam. Como argumentam Diana Corso e Mário Corso (2018), na defesa de que o diálogo sobre sexualidade com adolescentes não se reduza ao objetivo informativo.

Ao par dessas informações imprescindíveis, há muito mais do que falar: estão os temores relativos a ser ou não desejável, quanto a ser capaz de sentir prazer e como isso se faz, sente e expressa. As inseguranças quanto ao desempenho nessa intimidade tão sobrecarregada de expectativas públicas são tantas quanto ignoradas (...). A educação sexual é sempre difícil em função de entendermos pouco o que nos move na intimidade. Podemos até ter uma certa liberdade para viver nosso erotismo, mas faltam-nos palavras para falar a respeito (Corso; Corso, 2018, p. 367-368).

As experiências sexuais podem ser fontes de ansiedades, inseguranças e dúvidas sobre como agir, como lidar os sentimentos, como reconhecer e expressar desejos. Considerando como, em nossa cultura, há expectativas de que os contextos de consumo de bebidas alcoólicas sejam ocasiões de maior desinibição, de que aconteçam oportunidades de aproximação entre as pessoas, inclusive oportunidades para a paquera, para o beijar, para o ficar e/ou outras formas de envolvimento afetivo e sexual (Pastana; Bortolozzi, 2019), é relevante que essas expectativas culturais sejam levadas em consideração nas abordagens educativas sobre sexualidade e sobre álcool.

O consumo e a comercialização de bebidas alcoólicas para pessoas com menos de 18 anos são proibidos por lei no Brasil (BRASIL, 2002). A proibição em vigor, no entanto, contrasta com o fato de serem comuns as práticas de consumo de álcool na adolescência, representadas inclusive como algo valorizado, associadas ao prazer, à diversão e à sociabilidade. Há assim, uma dimensão de ambivalência nas primeiras experiências entre adolescentes: por um lado, um teor de transgressão, por não ser algo permitido legalmente. Por outro, um aspecto simbólico de pertencimento, já que o beber é incentivado culturalmente como uma forma prazerosa de estar entre outras pessoas (Abramovay; Castro, 2009; Beccaria; Sande, 2003; Fiore; 2013; Fry, 2011; Pastana; Bortolozzi, 2019; Rollando; Beccaria, 2012).

Ao analisarem relatos de primeiras experiências de consumo de bebidas alcoólicas vividas por adolescentes em idade escolar no Brasil, Miriam Abramovay e Mary Castro (2005) indicam como muitas dessas experiências acontecem em contextos familiares, como disse um dos participantes de um grupo focal: *“Até meu pai insiste para eu beber; ‘não pai, não quero’, ‘vai, só um pouquinho”* (p. 37). Outro contexto bastante citado de experimentação foi entre amigos e amigas: *“tem muita gente que começa assim, turminha, daí vai um golinho, depois uma latinha”* (p. 39). As autoras partem de um levantamento junto à UNESCO para discutirem como a idade de experimentação mais frequente no país é entre 13 e 17 anos.

Na pesquisa realizada por Maurício Fiore (2013) com dez jovens da cidade de Campinas, o álcool foi a única substância psicoativa presente nas experiências de consumo de todas as pessoas que participaram, e a única em que a experimentação aconteceu, em todos os casos relatados, durante o período da adolescência. Nas palavras do autor

(...) a proibição da venda ou cessão de bebidas alcoólicas aos menores de 18 anos é sistematicamente desobedecida no Brasil. Esse fato é uma boa entrada para a análise dos agenciamentos do álcool nas trajetórias pesquisadas, visto que todos começaram a consumir habitualmente álcool antes dos 18 anos. (...) Diferentemente de conseguir entrar em danceterias ou shows noturnos proibidos para menores de idade, ação

que normalmente exigia planejamento, não há nenhuma lembrança desafiadora para a obtenção do álcool. (...) As primeiras bebedeiras dificilmente são lembradas numa chave de iniciação às substâncias psicoativas ou alteração da consciência. O álcool parece estar de tal forma imbricado num processo social coletivo que os efeitos e as sensações subjetivas são menos marcantes do que os próprios contextos em que seu consumo era habitual (Fiore, 2013, p. 49).

O prestígio social atribuído aos usos de bebidas, analisa Fiore (2013), faz com que sejam compreendidos como praticamente inevitáveis nos contextos de lazer e socialização. Tanto em grandes festas com pessoas conhecidas e desconhecidas; quanto em eventos menores com amigos e amigas próximas e/ou familiares, assim como em momentos mais íntimos entre casais e contextos de paquera em que possíveis parceiros e parceiras conversam e se aproximam pela primeira vez, as bebidas tendem a ser representadas culturalmente como esperadas, até mesmo com bem-vindas.

A sexualidade é um conceito amplo que abrange a subjetividade, a afetividade, os desejos, as fantasias, os prazeres e a construção de vínculos. O aprendizado sobre a sexualidade ocorre por toda a vida, com a assimilação de concepções, valores, padrões e regras presentes na cultura, com a participação de instâncias como as famílias; as escolas; os círculos sociais; os meios de comunicação, entre outros. A este processo de aprendizado que envolve tanto ações diretas, explícitas e intencionais; quanto ações não intencionais, implícitas e sutis, damos o nome de educação sexual. Já a formação de grupos de educação sexual tem a finalidade de promover espaços de transmissão de informações, diálogo e reflexões, em que a abordagem sobre a sexualidade acontece de forma planejada e intencional (Bortolozzi *et al.*, 2020; Maia; Ribeiro, 2011; Weeks, 2011).

Há, portanto, expectativas culturais sobre a sexualidade, assim como a influência dos padrões de gênero no aprendizado dessas expectativas. Por exemplo, no aprendizado sobre os desejos no decorrer das trajetórias de socialização, é transmitido, com frequência, a concepção de que os desejos de garotos e homens seriam “naturalmente” mais intensos e impulsivos, mais presentes e difíceis de serem

contidos (Castañeda, 2006; Kimmel, 2008). Por outro lado, é comum que seja transmitido às garotas e mulheres de que para elas o interesse sexual seria menor, cabendo a elas, nas relações heterossexuais (há a forte presença de padrões heteronormativos também) exercerem o papel de lidar com os desejos masculinos e contê-los. Muitas garotas e mulheres assimilam a concepção de que demonstrar desejos seria algo inadequado, que as levaria a serem julgadas negativamente, com a construção da associação do recato, da docilidade e da passividade como formas de se “valorizarem” (Phillips, 2000; Tolman, 2005; Wade; Heldman, 2012).

Diante desta assimetria dos padrões de gênero, em que é transmitido como esperado que garotos e homens demonstrem desejos e tomem a iniciativa, enquanto às garotas e mulheres é atribuída a posição de silenciarem sobre seus desejos, as bebidas alcoólicas podem ocupar uma função simbólica de recurso facilitador, já que expressar desejos não é algo tão automático, ativo e direto quanto os padrões de masculinidade fazem parecer (e assim o álcool pode ser visto como um auxílio para o manejo de sensações de insegurança, ansiedade e temor da rejeição, por exemplo). Nem é tão simples ocultar os desejos e interesses experimentados como os padrões de feminilidade levam garotas e mulheres a acreditar que precisam fazer (e as bebidas alcoólicas podem ser um recurso para o manejo nessa dinâmica de demonstrar/ocultar intenções, considerando que caso pareçam interessadas em sexo após beberem, esse interesse tende a ser atribuído ao álcool, não a uma manifestação direta da vontade). Em outras palavras, é como se, ao beberem, as pessoas pudessem se sentir mais capazes de lidar com as expectativas sociais pela possibilidade de atribuir aos efeitos do álcool, e não às próprias escolhas e intenções, os motivos pelos quais agem, inclusive para como agem sexualmente (Abrahamson, 2004; Dermen; Cooper, 1994; George; Stoner, 2000; Lindgren, 2009; Phillips, 2000; Reid; Elliot, 2011; Wade; Heldman, 2012; Wilsnack; Wilsnack; Obot, 2005).

Ainda no que diz respeito aos padrões de gênero, a naturalização da associação entre masculinidade e agressividade é também um foco importante para abordagens educativas, considerando as possibilidades de prevenção e de enfrentamento às

diferentes formas de violência, inclusive a violência sexual (Boswell; Spade, 1996; Phillips, 2000; Tryggvesson, 2008; Wade; Heldmann, 2012).

Considerando, então, as influências das expectativas culturais nos aprendizados sobre os desejos; da presença dos padrões de gênero nesses aprendizados e da associação cultural entre sexualidade, bebidas alcoólicas e desinibição, deve-se garantir que esses aspectos sejam incluídos em abordagens educativas voltadas à prevenção e à promoção de saúde em torno dos temas das práticas de usos de álcool e das práticas sexuais.

A Política Nacional Sobre o Álcool que entrou em vigor no Brasil em 2007 apresenta como objetivo a implementação de estratégias para o enfrentamento coletivo aos problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, como danos sociais e à saúde. Entre as medidas recomendadas, então as abordagens educativas com a defesa da importância da formação de profissionais da saúde e da educação para atuarem com a prevenção. Para as práticas educativas que visam a prevenção, é recomendado que seja adotada a perspectiva de redução de danos (Dalbosco, 2011; Machado; Miranda, 2007; Ribeiro, 2010).

A perspectiva da redução de danos tem como ponto de partida a compreensão de que, diante das possíveis consequências prejudiciais associadas aos usos de substâncias (e também às práticas sexuais), é preciso uma postura mais sensível e cuidadosa, em que a abstinência não seja vista como um modelo único a ser buscado. O histórico do surgimento e da consolidação da perspectiva de Redução de Danos no Brasil está relacionado com a busca por romper com práticas reducionistas, generalizantes, moralizadoras e normatizadoras no campo dos cuidados com a saúde.

Embora a perspectiva de redução de danos seja a estratégia recomendada para a atenção a quem faz uso de álcool e de outras substâncias, ainda são muitos os desafios enfrentados. No campo das abordagens educativas voltadas à prevenção, ainda há a defesa da abstinência transmitida em uma linguagem impositiva e amedrontadora, como nas mensagens construídas em torno da noção de “Diga não!”, embora autores defenderem estratégias que visem práticas de cuidado e de valorização das singularidades e das múltiplas formas em que as experiências são vividas (Carneiro; 2002; Dalbosco, 2011; Machado; Miranda, 2007; Ribeiro, 2010).

Considerando a intersecção entre os temas das experiências sexuais e das experiências de consumo de bebidas alcoólicas e a importância de que as abordagens educativas voltadas à prevenção com adolescentes aconteçam de forma contextualizada com as experiências vividas, a partir de uma compreensão ampla da sexualidade e dos usos de álcool em seus múltiplos aspectos, esta pesquisa teve como objetivo identificar como se apresenta a abordagem sobre os usos de bebidas alcoólicas em materiais educativos voltados para o público jovem que podem ser usados em grupos de educação sexual.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva, tipo documental (Flick 2009; Leite, 2008; Malheiros, 2011).

Para a seleção dos materiais de análise, foi realizado um levantamento no ano de 2017 dos materiais recomendados nas páginas eletrônicas do Ministério da Educação³, do Ministério da Saúde⁴, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas-SENAD⁵ (vinculada ao Ministério da Justiça), do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas- CEBRID⁶ (vinculado à SENAD) e do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência- PROERD⁷, promovido pela Polícia Militar. Foram selecionados 10 documentos descritos no Quadro 1.

³ Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

⁴ Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

⁵ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

⁶ Disponível em: www.cebrid.epm.br/. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

⁷ Disponível em: <http://www.proerdbrasil.com.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

Quadro 1 - Dados principais sobre os materiais educativos selecionados

Título do material	Ano de publicação	Organizado por	Público-alvo
Drogas: Cartilha álcool e jovens (Documento 1)	2011	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça	Adolescentes e jovens
Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares (Documento 2)	2010	Ministério da Saúde e Ministério da Educação	Adolescentes e jovens
Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde (Documento 3)	2008	Instituto Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education	Adolescentes e jovens mulheres
Razões e emoções: trabalhando com homens jovens (Documento 4)	2001	Instituto Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education	Adolescentes e jovens homens
Proerd: Caíndo na Real (Documento 5)	2013	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), da Polícia Militar	Estudantes do do Ensino Fundamental
Drogas: cartilha para educadores (Documento 6)	2011	Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça	Educadores (as) do Ensino Fundamental
Saúde e prevenção nas escolas: atitude para curtir a vida (Documento 7)	2007	Ministério da Saúde e Ministério da Educação	Profissionais da educação e da saúde
Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas (Documento 8)	2014	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça e Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação	Educadores (as) de escolas públicas
Sistema para detecção do Uso abusivo e dependências de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento - SUPERA (Documento 9)	2017	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça	Profissionais da saúde e da assistência social
Álcool e outras drogas: da coerção à coesão (Documento 10)	2014	Ministério da Saúde e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Profissionais que atuam na Rede de Atenção Psicossocial - RAPS

Fonte: Autores.

A análise dos documentos foi realizada a partir da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009), com o estabelecimento de categorias temáticas a

partir da leitura, da transcrição e da análise dos materiais educativos. Para o estabelecimento das categorias e a realização da análise e da discussão dos dados, três etapas foram seguidas: (1) Leitura e pré análise; (2) Agrupamento e exploração do material e (3) Análise e Interpretação.

RESULTADOS

As categorias organizadas são descritas, a seguir, acompanhadas de exemplos.

Álcool como substância psicoativa mais consumida e associada a consequências negativas

O álcool é com frequência apresentado pelos materiais educativos como a substância psicoativa mais consumida tanto pela população mundial em geral, quanto no Brasil, quanto entre adolescentes e jovens. A informação sobre a difusão do consumo geralmente é afirmada como argumento para a importância de discussões preventivas.

O álcool contido nas bebidas alcoólicas é a droga psicoativa mais consumida no mundo (Doc. 1, p. 16).

Os dados existentes mostram que o álcool aparece com destaque, sendo, sem sombra de dúvidas, a droga mais consumida no Brasil (Doc. 8, 2014, p. 122);

De acordo com pesquisas, a droga mais consumida por adolescentes e jovens é o álcool (Doc. 2, p. 27).

Acidentes de trânsito, possibilidade de morte, possíveis prejuízos para a saúde, desenvolvimento de quadros da dependência, consequências da não utilização do preservativo como contração do vírus HIV, de outras infecções sexualmente não transmissíveis e ocorrência de gravidez não planejada são algumas das consequências nocivas mencionadas pelos materiais, que ressaltam como o álcool é uma substância psicoativa com muitas decorrências danosas.

(...) o álcool é a droga com maiores índices de problemas decorrentes de seu uso (...), a que mais danos sociais tem causado (Doc. 8, p.120-121).

Acidentes de carro, atropelamentos, quedas, violência familiar e nas ruas, além de uma série de problemas de saúde (Doc. 1, p. 7).

Informações históricas sobre o álcool e outras substâncias psicoativas e definições

A difusão das bebidas alcoólicas em diferentes culturas e diferentes momentos históricos, com ênfase para quão antigas são as práticas de consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas, é uma informação comum a muitos materiais. Exemplos de usos rituais, festivos, religiosos, medicinais, terapêuticos, alimentares e recreativos foram trazidos de diferentes formas.

As bebidas fermentadas foram algumas das drogas mais antigas descobertas pela humanidade (...) Os usos terapêuticos, devocionais, festivos, estimulantes, celebratórios ou recreacionais de bebidas (...) se encaixaram nas culturas (Doc. 10, p.14-15).

(...) em nossa cultura, o brinde feito com bebidas alcoólicas é celebrado com desejos de 'saúde!' Além do uso como fonte de prazer, sempre existiu o uso sagrado, mágico ou medicinal (Doc. 7, p. 109).

O hábito de beber tem se perpetuado ao longo dos tempos e os primeiros registros arqueológicos datam de aproximadamente 6.000 a.C. (Doc. 3, p. 106).

Os materiais explicam sobre a classificação do álcool como *droga*, principalmente a partir da problematização sobre como, em comparação com outras substâncias psicoativas, as bebidas alcoólicas tendem a receber maior legitimidade e difusão cultural, o que pode ser um dificultador para o reconhecimento dos elementos nocivos (e também para que a nomenclatura *droga* muitas vezes não seja usada em relação ao álcool).

Entre as definições atribuídas às *drogas*, no geral é apresentada a classificação sobre serem substâncias que provocam alterações no organismo, especialmente no

sistema nervoso central, com a divisão entre as substâncias psicoativas com efeitos predominantemente depressores, estimulantes e alucinógenos.

Quando pensamos em drogas, lembramos na maior parte das vezes da maconha, cocaína, crack, isto é, das substâncias proibidas. Mas algumas drogas podem ser encontradas em nossas farmácias, armários, geladeiras, bares, supermercados, festas, como no caso das bebidas (álcool, café, cola...), cigarros e medicamentos. Essas substâncias, que são legais e fazem parte do nosso cotidiano, também podem nos prejudicar se ingeridas em grande quantidade ou usadas inadequadamente (Doc. 3, p. 106).

Nem tudo é droga, mas há muita coisa por aí que é droga e as pessoas nem sabem que são: o cigarro, o cafezinho, a cerveja... (Doc. 8, p. 88).

Efeitos do álcool e a questão da dependência

Nas descrições sobre os efeitos, é comum que as alterações suscitadas pelo álcool sejam explicadas a partir da divisão entre duas fases: a fase estimulante, correspondente às primeiras doses, e a fase depressora, que tende a acontecer conforme as doses aumentam. Há efeitos considerados como agradáveis, como prazer, bem-estar, alegria e relaxamento, atribuídos principalmente à fase estimulante, e efeitos descritos como nocivos, como prejuízos na coordenação motora, nos reflexos, no raciocínio, na atenção e na memória, assim como a sonolência, náuseas e vômitos.

São trazidas também informações sobre os fatores individuais e contextuais que influenciam os efeitos experimentados, como a frequência do consumo, as quantidades ingeridas, a velocidade do consumo, ter se alimentado ou não e características como a altura e o peso.

Inicialmente (doses baixas ou na fase inicial do efeito de doses altas), o álcool age como um estimulante do Sistema Nervoso Central, levando a sensações de euforia, desinibição, sociabilidade, prazer e alegria. (...) Em um segundo momento, o álcool age como um 'depressor' do Sistema Nervoso Central, reduzindo a ansiedade, contudo prejudicando a coordenação motora. (...) Pode haver lentificação psicomotora, deixando a fala 'pastosa' ou 'arrastada', redução dos reflexos, sonolência e prejuízos na capacidade de raciocínio e concentração. Em doses altas, a visão pode ficar 'dupla' ou borrada,

ocorrendo também prejuízo de memória e da concentração, diminuição da resposta a estímulos, sonolência, vômitos e insuficiência respiratória, podendo chegar à anestesia, coma e morte (Doc. 9, p. 52).

Os efeitos não se apresentam iguais para todas as pessoas e em todas as situações. Isto varia de acordo com a quantidade de álcool ingerido, velocidade ou tempo em que bebeu, a altura e o peso da pessoa etc. (Doc. 3, p. 69).

Tolerância, compulsão, síndrome de abstinência, tempo gasto e uso apesar de prejuízos são elementos geralmente presentes nas definições sobre dependência apresentadas pelos materiais. É comum que a informação sobre a possibilidade do desenvolvimento de quadros de dependência seja trazido como argumento para que o consumo não ocorra ou para que, caso ocorra, seja feito de forma moderada e com outros cuidados.

(...) a dependência é quando uma pessoa sente grande necessidade de usar uma ou mais drogas, de forma periódica ou contínua, para obter prazer, aliviar tensões, ansiedades, medos, sensações físicas desagradáveis, criando um vínculo extremo no qual a droga é priorizada em detrimento de outras relações (...) A dependência envolve aspectos psíquicos, físicos ou ambos (Doc. 2, p. 28);

Dependência é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga de forma contínua (sempre) ou periódica (frequentemente). O dependente é a pessoa que não consegue controlar o consumo, agindo de forma impulsiva e repetitiva. As duas formas principais em que ela se apresenta são a dependência física e a dependência psicológica (Doc. 7, p. 53).

Motivações e expectativas para os usos de álcool e de outras substâncias: fatores de risco e fatores de proteção

É comum a afirmação de que os motivos para o consumo de bebidas alcoólicas e de outras substâncias psicoativas são diversos e de que não é possível fazer generalizações. Os motivos descritos com maior frequência são aqueles relacionados à busca por sensações (tanto por experimentar sensações prazerosas quanto por reduzir sensações prazerosas) e relacionadas à sociabilidade, à facilidade de interações com

outras pessoas (pela diminuição de inibições e da timidez, pelo desejo de aceitação e pertencimento ao grupo).

São apresentados como fatores de proteção ter com quem conversar sobre álcool e outras substâncias, acesso a serviços de saúde, participação em atividades físicas, culturais e de lazer, boas relações familiares e com os(as) amigos(as), sentimentos de pertencimento e integração, religiosidade e espiritualidade. São apresentados como fatores de risco a ausência de participação em atividades sociais e de lazer, conflitos nas relações familiares, dificuldades no desempenho escolar, dificuldade em fazer amizades e falta de informações.

(...) vencer a timidez, aprender a se comunicar, agir diante de agressões, tomar decisões na vida pessoal e escolar (...) descontração, relaxamento, sentir-se parte da “turma”, ter coragem para paquerar (Doc. 6, p.33; p. 36);

(...) a rede de relações dos adolescentes apresenta uma enorme quantidade de variáveis e seu conjunto torna o adolescente mais ou menos propenso ao uso de drogas ou a outras formas de envolvimento com a droga. Isso significa que não há como compreender a questão das drogas sem conhecer o adolescente e suas relações e a forma como os diferentes fatores se conjugam em sua rede social. Por isso, o primeiro passo de uma ação de prevenção é conhecer a rede do adolescente e os fatores de risco e de proteção presentes. Assim, pode-se pensar estratégias para diminuir os fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção identificados (Doc. 8, p.145).

Em relação às expectativas de experimentar sensações prazerosas, é comum nos materiais a recomendação de que sejam transmitidas informações sobre as possíveis consequências negativas, mas sem desconsiderar como as experiências de consumo de álcool e outras substâncias também envolvem motivações e sensações positivas, prazerosas. Quando são dadas sugestões sobre como discutir sobre os aspectos prazerosos, é possível reconhecer como um movimento comum a ênfase dada para o caráter adverso desses aspectos prazeroso, com afirmações que geralmente utilizam “mas”, “porém”, “por outro lado”. Os aspectos valorizados são relativizados, descritos como apenas imediatos ou então como desproporcionais aos riscos e danos. Esse

movimento pode ser notado nas descrições dos efeitos e também nas indicações sobre estratégias preventivas:

(...) É melhor mostrar que existe muita coisa interessante para se fazer na vida, que o prazer da droga passa rápido, enquanto o prazer que se tem numa amizade, num namoro, é muito mais duradouro e gostoso (Doc. 2, p. 51);

É preciso reconhecer que as drogas são substâncias que oferecem prazer imediato. Então, torna-se necessário o desenvolvimento de atividades que façam os indivíduos ultrapassarem conflitos emocionais, familiares e sociais e encontrarem alternativas prazerosas para a vida, que não seja o uso de substâncias. Além disso, o prazer emocional ou físico gerado pela droga é momentâneo e artificial, não existe após o término do efeito e causa danos à saúde (Doc. 3, p. 107).

(...) mesmo quando correm, os efeitos prazerosos não vêm sozinhos, uma série de efeitos colaterais indesejáveis também são produzidos. Nem sempre o usuário tem noção desses efeitos negativos. Muitos indivíduos que abusam de álcool, por exemplo, não sentem nada de errado com sua saúde, mas descobrem doenças no fígado ou em outros órgãos ao passarem por avaliações médicas de rotina (Doc. 8, p. 100);

(...) bebidas ajudam a celebrar datas festivas, a selar compromissos, a completar refeições nos fins de semana, alegrar festas, “criar um clima”. São a desculpa para encontrar os amigos num barzinho, depois do cinema, ou mesmo só para conversar. Mas se a bebida traz momentos bons e alegrias, não é novidade para ninguém que pode trazer muito sofrimento também (Doc. 1, p. 7);

Sugere-se abordar o tema a partir do prazer (...). Começar abordado o perigo pode afastar os(as) alunos(as) que usam e não tiveram problemas, porque não vão se identificar como se estivessem em uma situação de risco (Doc. 7, p. 47).

Prazeres experimentados pelos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias são uma forma de prazer “que passa rápido”, “momentâneo e artificial”, que “causa danos à saúde”, que “pode trazer muito sofrimento também”, já que os efeitos prazerosos que “não vêm sozinhos”, mas com “uma série de efeitos colaterais indesejáveis”. As informações sobre os aspectos prazerosos, no geral, são assim informações que indicam o quanto as experiências e sensações prazerosas não compensam diante dos prejuízos que podem ser enfrentados.

A associação entre curiosidade, busca por novas experiências e vulnerabilidade é trazida por alguns materiais como relacionada aos usos de bebidas alcoólicas na adolescência. Embora haja o vínculo entre sociabilidade e experiências de consumo de álcool, o vínculo é pouco discutido, geralmente apontado como fator que aumenta as ocorrências de experimentação e consumo, como quando o beber é indicado como uma expressão da busca por aceitação e por pertencimento ao grupo. A expectativa de socializar-se e divertir-se é problematizada por alguns materiais como distorcida.

A adolescência é um período de grande risco para o envolvimento com substâncias psicoativas. Ao menos em parte, esse risco pode ser atribuído às características da adolescência (...) necessidade de aceitação pelo grupo de amigos, desejo de experimentar (...) aumento da impulsividade e busca de sensações novas (Doc. 9, p.72).

(...) a inocente busca por uma turma pode trazer risco de envolvimento com drogas, tanto lícitas como ilícitas, e (...) este envolvimento, frequentemente, funciona como fator facilitador para pertencer a um grupo (Doc. 8, p. 134).

Outra questão que se inclui como algo a motivar os jovens ao consumo de álcool é a influência dos anúncios publicitários e dos meios de comunicação de uma forma geral na construção de associações positivas em relação às bebidas alcoólicas e isso é apontado em alguns dos materiais, principalmente com a problematização sobre a invisibilização das possíveis consequências prejudiciais.

(...) desde muito cedo, somos expostos a propagandas sobre álcool (...) que encobrem os efeitos negativos de seu uso. (...) Nas propagandas de bebidas (...) pessoas aparecem esbanjando saúde (...) (Doc. 3, p. 107);

Todos os anos, somos inundados por propagandas diretas ou indiretas (cenas de novela, filmes, marcas usadas por esportistas) para que o nosso gesto de abrir uma latinha de cerveja seja repetido o mais frequentemente possível (Doc. 1, p. 7).

Influência do uso de consumo de bebidas alcoólicas nas experiências amorosas e sexuais

Entre os efeitos das bebidas alcoólicas mencionados pelos materiais, está o comprometimento da atenção e do discernimento, que é relacionado à diminuição da probabilidade do uso de preservativo.

Quando ingerimos altas doses de álcool, nosso discernimento fica comprometido e isso pode influenciar no “esquecimento” do uso do preservativo (Doc. 2, p. 32).

(...) sob os efeitos do álcool é difícil tomar precauções como o uso do preservativo, mesmo que se tenha conhecimento e informação de sua importância (Doc. 4, p. 70).

Em diferentes materiais, a possibilidade de contração do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis é afirmada como justificativa para a combinação entre abordagens educativas sobre prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e abordagens educativas sobre saúde sexual e saúde reprodutiva. As possibilidades de ocorrência de uma gravidez não planejada também são incluídas por alguns materiais ao indicarem os riscos do não uso do preservativo entre pessoas que beberam.

Sob o efeito de bebidas, a realidade imediata da atração física predomina e as consequências futuras de uma gravidez indesejada ou contaminação de doenças não são processadas mentalmente como algo significativo (Doc. 1, p. 15).

Em termos da promoção da saúde, sabe-se que a relação entre o uso de álcool e outras drogas, sexualidade e aids é bastante estreita (...) pelo sexo desprotegido, que pode levar à gestação não planejada e à infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DST) incluindo o HIV, vírus da aids (Doc. 2, p. 11).

A associação entre bebidas alcoólicas e paquera não foi discutida com abrangência pelos materiais, mas foi brevemente mencionada em alguns momentos, por exemplo quando são elencadas expectativas sobre as experiências de consumo de álcool ou em atividades que envolvem situações projetivas.

A festa começa. Depois de cerca de duas horas regadas a muita cerveja, muitos já estão falando bem mais alto do que costumam falar, rindo à toa, um mais ‘saidinho’ está dançando em cima da mesa, muita paquera rolando (Doc. 1, p. 18).

Paulo tem 27 anos (...). De vez em quando ele se reúne com os amigos, junto eles tomam umas cervejas e depois saem de carro para paquerar (Doc. 7, p. 112).

A associação entre os usos de bebidas alcoólicas e a facilitação da desinibição e/ou do desempenho sexual é abordada por alguns materiais como uma crença, como algo que motiva algumas pessoas a beberem mas que sem necessariamente corresponda aos efeitos experimentados. Um argumento utilizado sobre ser um mito ou uma crença equivocada a expectativa de que o álcool facilite a desinibição e o desempenho refere-se à possibilidade de que os homens passem por dificuldades para terem ereção.

Muitas pessoas acreditam que certas substâncias podem aumentar a performance sexual. (...) Geralmente, os efeitos positivos do uso de substâncias durante as relações sexuais, residem mais na crença de felicidade do que em suas propriedades farmacológicas. Por exemplo, ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o álcool (...) pode impedir uma ereção (Doc. 3, p. 117).

(...) como o álcool é um depressor do sistema nervoso, acaba diminuindo estas sensações e dificultando a relação sexual. É uma das causas mais frequentes de disfunção erétil (impotência) (Doc. 4, p. 46).

As bebidas alcoólicas podem levar ao aumento do desejo sexual, porque ajudam a desinibir (...) um drink pode ajudar alguém a relaxar e a se sentir mais desinibido, mas não pode ser considerado um afrodisíaco ou uma poção mágica. (...) ninguém acha uma pessoa bêbada mais sedutora ou interessante (Doc. 9, p. 58).

Recomendações para o trabalho de prevenção aos usos de álcool e outras substâncias

Nas recomendações para abordagens educativas, os propósitos mencionados com maior frequência foram: transmitir informações, promover escolhas responsáveis e saudáveis, conscientizar sobre as possíveis consequências prejudiciais e esclarecer sobre medidas de redução de danos.

As estratégias sugeridas para o alcance desses propósitos foram bem variadas, entre elas: transmitir informações claras e fundamentadas cientificamente; promover discussões em grupo; construir espaços de diálogo e reflexão; permitir que os(as)

participantes coloquem dúvidas, compartilhem experiências e que também possam se expressar anonimamente; utilização de métodos interativos e participativos; desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais; apresentação de alternativas para o consumo de bebidas e reforço sobre os benefícios de não usá-las; análise de materiais midiáticos e discussões sobre os direitos humanos.

Entre as recomendações sobre o que deve ser evitado nas abordagens educativas estão: o amedrontamento, o autoritarismo, exageros, generalizações, hipocrisias, julgamentos, preconceitos, punições e sermões. Todos os materiais analisados, com a exceção do “Proerd: caindo na real” cuja recomendação foi “Transmitir abstinência como única postura correta e desejável”, apresentam a perspectiva da redução de danos e/ou sugerem medidas que possibilitem a redução de danos decorrentes do consumo.

Gênero e consumo de bebidas alcoólicas

Associações entre os padrões de masculinidade e exposição a riscos, assim como entre os padrões de masculinidade e dificuldades para lidar e expressar as próprias emoções, são alguns elementos discutidos pelos materiais sobre influências para que os homens consumam mais álcool e passem por mais consequências nocivas decorrentes do consumo de álcool, como nos trechos a seguir:

Negar as tensões e os diversos problemas da vida cotidiana, assim como a dificuldade para falar sobre eles, fato comum entre os homens, pode associar-se ao consumo de diferentes substâncias, sobretudo o álcool. Assim, o mundo das drogas, onde o álcool e o tabaco se encaixam, apresentam-se como um espaço onde se pode expressar emoções (Doc. 4, p. 22);

Por mais que as coisas tenham mudado, é comum que muitos adolescentes e jovens tenham dificuldade de pedir apoio ou ajuda por medo de parecer vulneráveis ou femininos. Isso faz com que reprimam suas emoções, o que favorece o consumo de diferentes substâncias, sobretudo o álcool (Doc. 2, p. 56);

O estereótipo masculino dominante no Ocidente exige que o homem negue suas próprias necessidades afetivas, pois a expressão de emoções é considerada sinal de fraqueza. (...) Homem que é homem

deve exibir coragem, audácia, agressividade, mostrar-se mais forte que os outros, ainda que para isso faça uso da violência. (...) O medo do fracasso e a necessidade de provar a masculinidade empurram os homens para comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores: os homens tendem a assumir mais riscos que as mulheres (bebem mais, andam em motos e automóveis em alta velocidade, envolvem-se com mais frequência, em brigas e disputas violentas etc.) (Doc. 7, p. 44-45).

Há materiais que abordam também a discussão sobre a prevenção e o enfrentamento às diferentes formas de violência sexual e violência de gênero, problematizando a associação “naturalizada” entre masculinidade e agressividade:

Não existe uma única razão para a violência, se não muitos fatores de vulnerabilidade. Sabe-se que o álcool em si não causa a violência, já que muitos homens bebem e não são violentos. Um homem violento geralmente ficará mais violento quando beber (Doc. 3, p. 46);

Uma relação que ocorre sem que o indivíduo seja capaz de dar consentimento, como aconteceria após o uso de álcool e drogas, também constitui violência sexual. (...) Como outras formas de violência contra a mulher, o fator principal de violência sexual é geralmente a expressão do poder e do domínio masculino sobre a mulher (Doc. 3, p. 37);

Muitos dos casos de homicídios entre homens começaram com brigas ou discussões triviais, geralmente um insulto em bares ou em outros espaços públicos, e que chegam até níveis letais. Manchetes de assassinatos na América Latina frequentemente repetem estórias sobre brigas que começam com troca de palavras ofensivas num bar ou discoteca (muitas vezes acompanhados pelo uso de álcool) e acabam em morte (Doc. 4, p. 26).

É possível notar, portanto, que os materiais que buscaram promover a discussão sobre os padrões de masculinidade e as desigualdades entre os gêneros, também associaram o uso de bebidas alcoólicas e a violência.

DISCUSSÃO

Os materiais educativos, de uma forma geral, partem da importância do diálogo sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas com adolescentes e jovens.

Entre os principais elementos apresentados para este diálogo, está o reconhecimento de que o álcool é uma substância psicoativa lícita bastante consumida, cercada de representações culturais positivas. Como um contraponto a essa valorização, que pode acontecer em diferentes espaços, com nas relações de amizade ou nos meios de comunicação, os materiais defendem ser importante a transmissão de informações sobre as possíveis consequências prejudiciais.

Dados sobre os padrões de consumo, estatísticas sobre consequências danosas e descrições sobre alterações potencialmente nocivas no organismo, assim como explicações sobre os critérios diagnósticos para os quadros de dependência são algumas das informações trazidas nos materiais com maior frequência. A atenção para a utilização de uma linguagem clara, acessível, atualizada e que considera especificidades do público alvo também foram traços predominantes.

Entre os objetivos apresentados pelos materiais, os mais comuns foram transmitir informações; promover escolhas responsáveis e saudáveis; promover habilidades sociais e emocionais; conscientizar sobre as possíveis consequências prejudiciais e esclarecer sobre medidas de redução de danos, indo ao encontro de um modelo de educação sexual voltado à saúde preventiva (Bueno; Ribeiro, 2018).

Quanto à realização de atividades propostas, as principais recomendações foram a de incentivar a participação de todas as pessoas na construção de espaços de diálogo e reflexão; a utilização de métodos dinâmicos e interativos e a fundamentação com informações científicas isentas de preconceitos, julgamentos morais, de teor alarmista e/ou coercitivo, corroborando o recomendado na área da Educação Sexual (Maia; Ribeiro, 2011; UNESCO, 2014).

Foi possível constatar que, na maior parte dos materiais, foram evitadas generalizações, por exemplo, quando foram abordados as motivações e os efeitos dos usos de bebidas. Foram frequentes argumentos de que os usos podem ser bem diversos tanto em diferentes meios culturais e períodos históricos, quanto com variações entre as experiências de diferentes pessoas em uma mesma cultura e até mesmo em diferentes circunstâncias nas experiências de uma mesma pessoa, ressaltando nesta parte o modelo social, cultural, crítico da educação sexual.

Em outras palavras, os materiais de uma forma geral buscaram demonstrar que há fatores culturais, sociais, históricos, biológicos e subjetivos nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas. Tal abordagem corresponde ao que é proposto pelos documentos de políticas públicas desta área, assim como às discussões da literatura consultada sobre estratégias educativas recomendadas (BRASIL; 2007; Dalbosco, 2011; Ribeiro, 2010).

Outro elemento frequente foi a crítica à perspectiva de “guerra às drogas”, já que o proibicionismo não é considerado compatível com propostas preventivas que visem informar, esclarecer e promover escolhas com responsabilidade e autonomia. Um argumento frequente foi o da problematização de que a eliminação total dos usos de substâncias psicoativas não é possível, sendo mais realista e eficaz buscar que, caso os usos ocorram, aconteçam com maior cuidado para a minimização de possibilidades de ocorrências nocivas. A perspectiva de redução de danos foi definida como a mais realista, mais tolerante e menos associada a preconceitos e julgamentos morais, assim como prevê as recomendações atuais para abordagens educativas (BRASIL; 2007; BRASIL; 2003; Dalbosco, 2011; Machado; Miranda, 2007; Ribeiro, 2010).

O único material que defendeu a abstinência como única postura correta e desejável foi o material do “Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - PROERD”. Partindo de uma perspectiva proibicionista, o material apresenta significativas diferenças em relação aos outros materiais e destaca-se que o programa é conduzido por policiais militares, não por profissionais da educação ou da saúde. A defesa da abstinência contraria o que é proposto pela “Política Nacional sobre Álcool” e pela “Política Nacional sobre Drogas”, que abrange a transmissão de informações cientificamente fundamentadas, o enfrentamento a preconceitos e discriminações, a valorização da autonomia e a inserção da perspectiva de redução de danos.

Apesar desta exceção, há vários elementos em comum nos demais materiais analisados como: valorização da promoção de saúde; incentivo a práticas de esporte, cultura e lazer; valorização da participação da família e da comunidade; fomento do protagonismo juvenil e acesso aos conhecimentos fundamentados cientificamente

sobre as bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas. Além disso, a busca por desnaturalizar a associação entre bebidas alcoólicas e masculinidade, assim como a discussão sobre as influências dessa associação na ocorrência de episódios de violência foram pontos relevantes trazidos por alguns materiais.

Nos documentos analisados, entre as motivações atribuídas com maior frequência para os usos de bebidas alcoólicas estão a busca por sensações prazerosas (alegria, coragem, descontração, desinibição, relaxamento) e a tentativa de evitar sensações desprazerosas (ansiedades, inseguranças, tensões, inibições), assim como motivos relacionados a interações sociais, como a busca pela integração e pelo pertencimento a um grupo, pela diminuição da timidez e para a facilitação de aproximações, conversas e outras formas de contato entre as pessoas, tanto pessoas que já são conhecidas ou amigas, quanto com pessoas desconhecidas quando há oportunidades de conhecer e se aproximar.

Embora as expectativas relacionadas à sociabilidade sejam mencionadas nos materiais, consideramos este um dos principais temas em que seria importante um maior aprofundamento. Há momentos em que a associação entre práticas de consumo de álcool e interações sociais foi descrita como algo potencialmente negativo, como nos argumentos de que as amizades, companhias e outras pessoas com quem adolescentes interagem seriam uma espécie de “fator de risco” para a experimentação e para a frequência do consumo, já que as relações de sociabilidade exerceriam uma “má influência”. Há também exemplos em que os efeitos esperados e valorizados na sociabilidade são apresentados como distorções, como crenças ilusórias, com argumentações sobre os efeitos da ingestão do álcool no organismo. Consideramos que reduzir as questões da sociabilidade nas práticas de consumo às reações do organismo é algo que não corresponde a como as experiências se dão, como demonstram as pesquisas que investigam como a oportunidade de estar entre outras pessoas e dos prazeres associados a essas oportunidades são um aspecto bastante relevante para a compreensão das motivações para as práticas de consumo de álcool (Demant, 2009; Heath, 2000; Niland, 2013; Peralta, 2008; Tutenges, 2009; Vander Ven, 2011). Há inclusive pessoas que não bebem, mas frequentam esses contextos e espaços, pelas

mesmas motivações, o que ilustra como o foco nos efeitos no organismo não contempla os diversos fatores presentes.

O argumento das crenças distorcidas e ilusórias também é evocado no que diz respeito às expectativas sobre a sexualidade, tanto com descrições dos efeitos no Sistema Nervoso Central para a afirmação de que algumas percepções seriam falhas, quanto com descrições da diminuição de respostas fisiológicas de excitação (ereção, lubrificação, dilatação) e orgasmo para a alegação de que as expectativas de desejo, desempenho e prazer sexual seriam discrepantes. No entanto, as experiências de desejo, desempenho e prazer sexual não podem ser explicadas apenas pelas respostas do organismo, havendo uma significativa importância dos fatores culturais, inclusive aqueles que levam a associação dos usos de álcool a momentos de maior relaxamento, desinibição e prazer, o que também se reflete na sexualidade, como demonstram as pesquisas que investigam essa associação (Dermen; Cooper, 1994; George; Stoner, 2000; Lindgren, 2009; Phillips, 2000; Reid Elliot, 2011; Vander Ven, 2011; Wade, 2014). Quando os documentos argumentam que tais expectativas seriam incorretas, o que pode acontecer é um distanciamento das informações trazidas nas abordagens educativas de outros significados que circulam e que predominam culturalmente.

Assim, quando as associações entre usos de bebidas alcoólicas, sociabilidade e sexualidade são apresentadas como um equívoco, há um estreitamento dos caminhos de diálogo justamente sobre aspectos que tendem a ser significativamente presentes nas motivações de adolescentes, as motivações relacionadas aos prazeres e ansiedades, desejos e preocupações, expectativas e desafios do estar entre outras pessoas.

Nas menções identificadas à sexualidade, os assuntos discutidos foram a diminuição da frequência do uso de preservativo quando há o consumo de bebidas alcoólicas, especialmente em grandes quantidades, com advertências sobre o maior risco de contração de infecções sexualmente transmissíveis e da ocorrência de gestações não planejadas. Esses conteúdos foram apresentados por meio de informações, textos explicativos, recomendações para o uso de camisinha e discussões de situações projetivas. Tratam-se de questões importantes, relacionadas à promoção de práticas preventivas entre adolescentes e jovens, mas, como já apontado, falar sobre

sexualidade apenas a partir da recomendação do uso do preservativo negligencia como são muitos os demais aspectos que fazem parte das experiências sexuais (UNESCO, 2014). Falar de sexualidade sem falar de desejos, interesses, atrações, paqueras, aproximações, envolvimento, expectativas, ansiedades, inseguranças, dúvidas, prazeres, comunicações e escolhas, corresponde a trazer informações descontextualizadas, distantes dos significados e referências que circulam no modo como as experiências são vividas e compreendidas por quem recebe essas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os materiais trazem importantes contribuições para propostas educativas de prevenção com e para os jovens. Destacamos dois pontos relevantes. Primeiramente, é que embora possa ser relevante a linha argumentativa de alguns materiais, de que não é necessário beber para se divertir, sentir prazer ou aproveitar as ocasiões de interação, a socialização fica comprometida ao enfatizar que essas interações são preocupantes e fatores de risco, apresentadas como influências negativas. Um tom condenatório das experiências de socialização pode fazer com que as abordagens educativas percam de vista o que é valorizado e importante no conjunto de referências e significados dos(as) participantes a quem essas abordagens se destinam, que é o da dimensão do se relacionar com outras pessoas.

Em segundo lugar a associação das bebidas alcoólicas e prazer apresentou ponderações de que motivações, sensações e experiências prazerosas seriam passageiras e desproporcionais aos riscos e danos que podem acontecer. Foram escassas as discussões sobre os usos de álcool com os prazeres das interações sociais e dos prazeres sexuais, e quando havia, essas não consideravam as questões culturais de modo abrangente e contextualizado. É importante, portanto, para a elaboração e o desenvolvimento de futuros materiais para abordagens educativas, que sejam investigadas estratégias para a transmissão de uma compreensão mais ampla sobre as associações entre usos de bebidas alcoólicas, experiências de sociabilidade e experiências sexuais em contextos sociais diversos.

A partir da análise realizada e das lacunas encontradas, podemos elencar entre possíveis temas a serem inseridos em abordagens de materiais educativos sobre a sexualidade e sobre os usos de bebidas alcoólicas: (1) a associação entre bebidas alcoólicas, sociabilidade e prazer; (2) a associação entre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer; (3) a importância dos aspectos culturais nas expectativas relacionadas ao prazer para as motivações das experiências de consumo de bebidas alcoólicas; (4) as influências dos padrões de gênero nos aprendizados sobre sexualidade, nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas e na intersecção entre as expectativas relacionadas às experiências sexuais e expectativas acerca dos efeitos do álcool; (5) a importância do reconhecimento das influências dos padrões de gênero para a prevenção e o enfrentamento a ocorrências de violência; (6) discussões sobre o consentimento nos contextos das experiências sexuais que acontecem quando as pessoas fazem uso de bebidas alcoólicas; (7) promoção de práticas preventivas, como o uso da camisinha, considerando também os contextos em que as pessoas fazem usos de bebidas alcoólicas e (8) a compreensão dos efeitos das bebidas nas expectativas e experiências sexuais e de sociabilidade a partir de fatores sociais, culturais, históricos e subjetivos, não apenas com descrições dos riscos e dos efeitos no organismo.

Assim, uma proposta educativa com o diálogo sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e as experiências sexuais, deve abranger a transmissão de informações aliada ao reconhecimento de como expectativas, desejos, ansiedades, curiosidades e prazeres estão presentes nas experiências vividas. Enfim, almeja-se, com esta análise, contribuir para que educadores(as) reflitam sobre as possibilidades, finalidades e procedimentos necessários para garantir uma educação sexual crítica, eficaz e emancipatória.

Agradecimentos à CAPES, pelo auxílio recebido.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON, Maria. Alcohol in courtship contexts: focus group interviews with young Swedish women and men. **Contemporary Drug Problems**, v. 31, p. 3-29, 2004. Disponível em: <https://goo.gl/VgVqYv>. Acesso em: 20 mar. 2018.

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 229 p.

BECCARIA, Franca; SANDE, Allan. Drinking games and rite of life projects: a social comparison of the meaning and functions of young people's use of alcohol during the rite of passage to adulthood in Italy and Norway. **Young: Nordic Journal of Youth Research**, v. 11, n. 2, p. 11-99, 2003. Disponível em: <http://migre.me/wpdAh>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia; PASTANA, Marcela; DE CARVALHO, Leilane Raquel Spadotto. Educação Sexual na vida e nas escolas. In: Ana Cláudia Bortolozzi. (Org.). **Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos**. 1ed. Araraquara: Padu Aragon, p.11-30, 2020.

BOSWELL, Ayres; SPADE, Joan. Fraternities and collegiate rape culture: Why are some fraternities more dangerous places for women? **Gender and society**, v. 10, n. 2, p. 133-147, 1996. Disponível em: <http://migre.me/wpdCt>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

BUENO, Rita de Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da Educação Sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol. 29, n. 1, p.49-56, 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. Brasília: DF, Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. **Política Nacional Sobre o Álcool**. Brasília: DF, Conselho Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional, 2005a.

BRASIL. **Política Nacional Sobre Drogas**. Brasília: DF, Conselho Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional, 2005b.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CARNEIRO, Henrique. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. São Paulo: IES, 2002.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006. 367 p.

CASTIEL, Luis David; DIAZ, Carlos Álvarez-Dardet. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. 140 p.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz**: filmes e psicanálise para entendê-la. Porto Alegre: Artmed, 2018. 403 p.

DALBOSCO, Carla. **Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas**. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília- UNB, Brasília, 2011.

DEMANT, Jakob. When alcohol acts: An actor-network approach to teenagers, alcohol and parties. **Body & Society**, n. 15, v. 1, p. 25-46, 2009.

DERMEN, Kurt; COOPER, Lynne. Sex-related expectancies among adolescents: Prediction of drinking in social and sexual situations. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 8, n. 3, p. 152-160, 1994. Disponível em: <http://migre.me/wpdRY>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

FIORE, Maurício. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FRY, Marie-Louise. Seeking the pleasure zone: understanding young adult's intoxication culture. **Australasian Marketing Journal**, n. 19, p. 65-70, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/LaLqmU>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

GEORGE, William Henry; STONER, Susan. Understanding Acute Alcohol Effects on Sexual Behavior. **Annual Review of Sex Research**, v. 11, p. 92-123, 2000. Disponível em: <http://migre.me/wpdWX>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

HEATH, Dwight. **Drinking occasions**: a comparative perspective across cultures. Londres: Brunner-Routledge, 2000. 258 p.

KIMMEL, Michael. **Guyland**: the perilous world where boys become men. Understanding the critical years between 16 and 26. Nova Iorque; Londres; Toronto; Sidney: Harper, 2008. 291 p.

LINDGREN, Kristen; PANTALONE, David; LEWIS, Melissa; GEORGE, William. College students' perceptions about alcohol and consensual sexual behavior: Alcohol leads to sex. **Journal of Drugs and Education**, v. 39, n. 1, p. 1-21, 2009. Disponível em: <http://migre.me/wpe1s>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia Científica- métodos e técnicas de pesquisa**. Aparecida: Ideias & Letras, 2008. 318p.

MACHADO, Ana Regina; MIRANDA, Paulo Sérgio Carneiro. Fragmentos da história de atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 801-821, 2007.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para a ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: <http://migre.me/wpe3f>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011. 254p.

MEASHAM, Fiona. The decline of ecstasy, the rise of 'binge' drinking and the persistence of pleasure. **The Journal of Community and Criminal Justice**, v. 51, n. 4. p. 309-226, 2004.

MEYER, Dagmar E. Estermann; MELLO, Débora; VALADÃO, Mariana; AYRES, José Ricardo. "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, n.6, Rio de Janeiro, 2011.

MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007.

NILAND, Patricia; LYONS, Antonia; GOODWIN, Ian; HUTTON, Fiona. "Everyone can loosen up and get a bit of buzz on": Young adults, alcohol and friendship practices. **International Journal of Drug Policy**, v. 24, n. 1, p. 530-537, 2013.

O'MALLEY, Pat; VALVERDE, Mariana. Pleasure, freedom and drugs: the uses of "pleasure" in liberal governance of drug and alcohol consumption. **Sociology**, v. 38, n. 1, p. 25-42, 2004. Disponível em: <http://migre.me/wpe8T>. Acesso em: 14 de dezembro de 2015.

PASTANA, Marcela; BORTOLOZZI, Ana Cláudia. **Entre copos e corpos: bebidas alcoólicas, sexualidade e encontros**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. v. 1. 161p .

PERALTA, Robert. "Alcohol allows you to not be yourself": toward a structured understanding of alcohol use and gender difference among gay, lesbian, and heterosexual youth. **Journal of Drug Issues**, v. 38, n. 2, pp. 373-399, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpe9m>. Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

PHILLIPS, Lynn. **Flirting with danger**: young women's reflections on sexuality and domination. Nova Iorque; Londres: New York University Press, 2000. 255 p.

PINSKY, Ilana. **Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens**. São Paulo: 2009. 64 p.
REID, Julia; ELLIOT, Sinikka; WEBBER, Gretchen. Casual hookups do formal dates: Refining the boundaries of the sexual double standard. **Gender & Society**, v. 25, n. 25, p. 545-568, 2011. Disponível em: <http://migre.me/wpeaF>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

RIBEIRO, Tiago Magalhães. **Do "você não pode" ao "você não quer"**: a emergência da prevenção às drogas na Educação. 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

ROLANDO, Sara; BECCARIA, Franca; TIGERSTEDT, Christoffer; TÖRRÖNEN, Jukka. First drink: What does it mean? The alcohol socialization process in different drinking cultures. **Drugs: education, prevention and policy**, v. 19, n. 3, pp. 201-212, junho de 2012.

TOLMAN, Deborah. **Dilemmas of desire**: Teenage girls talk about sexuality. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 2005. 251 p.

TRYGGVESSON, Kalle. The Role of Alcohol in the Construction of a 'Good' Victim – The Attribution of Blame to Male Victims of Violence. **International Review of Victimology**, v. 15, n. 1, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpehL>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

TUTENGES, Sébastien; ROD, Morten Hulvej. "We got incredibly drunk . . . it was damned fun": Drinking stories among Danish youth. **Journal of Youth Studies**, n. 12, p. 355-370, 2009. Disponível em: <http://migre.me/wpeiD>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. -- Brasília: UNESCO, 2014.

VANDER VEN, Thomas. **Getting wasted**: why college students drink too much and party so hard. Nova Iorque: New York University Press, 2011. 215 p.

WADE, Lisa. **American hookup**: the new culture of sex on campus. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, Inc, 2014, 248 p.

WADE, Lisa; HELDMAN, Caroline. Hooking up and opting out: negotiating sex in the first year of college. Em: CARPENTER, Laura; DELAMATER, John. **Sex for life: from virginity to Viagra, how sexuality changes throughout our lives.** New York University Press: New York, 2012, pp. 128-145.

WEEKS, Jeffrey. **The languages of sexuality.** Nova Iorque: Routledge, 2011. 362 p.

WILSNACK, Richard; WILSNACK, Sharon; OBOT, Isidore. Why study gender, alcohol and culture? Em: OBOT, Isidore; ROOM, Robin (eds.). **Alcohol, gender and drinking problems: perspectives from low and middle income countries.** World Health Organization, Department of Mental Health and Substance Abuse, WHO press: Geneva, 2005, p. 1-24.